

Emergência do Eu e processos de simbolização¹

Anne Brun²

Trabalho há muito tempo com René Roussillon, portanto, minha fala reflete a dele.

A questão da emergência do Eu e dos processos de simbolização se coloca como uma via régia para a investigação das diferentes formas que assumem, na clínica contemporânea, as patologias atinentes ao narcisismo e à identidade.

Quais organizadores contribuem para a formação do Eu, no sentido de um Eu/sujeito? Muito se discutiu como traduzir do alemão o *Ich* de Freud. É do Eu no sentido de sujeito que vamos falar aqui. De fato, o foco do nosso questionamento é a questão da subjetivação; vamos nos indagar sobre os processos de simbolização no sentido de processos de apropriação subjetiva.

Uma das principais mudanças introduzidas por alguns psicanalistas contemporâneos reside na passagem do paradigma tradicional de uma psicanálise concebida como tomada de consciência do inconsciente, para uma psicanálise focada nos processos de subjetivação. “*Wo es war, soll ich werden*”, escreveu Freud em 1932, onde estava o Isso (*Es*), lá estará o Eu/ *sujeito* (*Ich*). Simbolizar os traços perceptivos arcaicos, portanto, é passar do *Isso*, da pulsão em estado bruto, de certa forma, à constituição de um Eu-sujeito. Nas palavras de René Roussillon, é “passar de processos sem sujeito a processos com sujeito”. Como se transformam e como se integram ao Eu as primeiras experiências do *Isso*?

Examinaremos os diferentes processos de simbolização que contribuem para a formação de um Eu/sujeito, para a integração de suas primeiras experiências e

¹ Conferência proferida na Jornada da Brasileira – O Nascimento do Eu, em 5/11/2021.

² Psicóloga clínica. Professora de Psicopatologia e Psicologia Clínica na Universidade de Lyon 2 - França.

para a sua transformação. Quais são os fatores que vão dificultar ou permitir a apropriação subjetiva das experiências? Quais são os obstáculos à simbolização? O que deve estar no cerne de nossa prática analítica com pacientes em sofrimento narcísico e identitário é a retomada dos processos de simbolização.

Esta questão da origem é frequentemente associada àquela dos primórdios que, em psicanálise, chamamos de arcaico. Mas, se nos reportarmos às origens da língua, conforme à etimologia grega da palavra “arcaico”, constatamos que “arcaico” não se confunde com “origem”: *archè* em grego é, ao mesmo tempo, princípio e começo. “Começo” designa, em psicanálise, a primeira relação da criança com seu meio ambiente, com seus objetos, e “princípio”, a dimensão organizadora e estrutural do arcaico que diz respeito à totalidade da vida psíquica. Isso supõe diferenciar o período arcaico, por volta de 0 a 2 anos, em que o *infans* não dispõe de linguagem verbal, do período do infantil. Essa distinção é fundamental, porque a simbolização, no período arcaico, só é possível em linguagem do corpo e do ato, na ausência de uma possibilidade de simbolização através da linguagem verbal. Examinaremos, portanto, em particular, o que podemos chamar de formas de simbolização sensório-motora.

O meu fio condutor parte do postulado de que os processos de simbolização que permitem a emergência do Eu-sujeito enraízam-se na sensório-motricidade. Este conceito, tido como não psicanalítico, pode se torná-lo, se considerarmos os efeitos e as transformações das primeiras experiências sensoriais, afetivas e motoras dos *infans*, que são sempre vivenciadas na relação com os primeiros objetos do ambiente.

O conceito de sensório-motricidade não se encontra em nenhum dicionário de psicanálise, mas a obra de Freud fornece os delineamentos para pensar a sensorialidade e a motricidade de forma psicanalítica. Retomarei isso mais adiante, mas, em poucas palavras, pode-se dizer que, em Freud, os traços das experiências sensório-motoras são pulsionalizados: o Id introduz a pulsão que investe o que Freud chama de traços perceptivos. A sensório-motricidade, portanto, é essencialmente pulsionalidade.

Para começar, identificaremos, na história da psicanálise freudiana, alguns marcos essenciais relativos à questão da emergência do Eu. Veremos como Freud nos permite conceber as origens corporais e sensoriais da emergência do Eu.

Em seguida, discutiremos o papel desempenhado pelas formas primárias de simbolização, baseando-nos nas contribuições de psicanalistas contemporâneos que têm como ponto em comum o fato de explorarem essas primeiras experiências de ordem sensorial e afetiva do *infans* com seus objetos. Essas primeiras experiências desempenham um papel essencial na instauração dos processos de simbolização, ou em seu fracasso.

O final da minha apresentação será dedicado a Victor Guerra. Veremos o que a clínica de pacientes psicóticos e autistas traz de fundamental para a compreensão do nascimento do Eu, encontrando eco nos artistas criativos.

Fundamentos freudianos: dois pontos de referência

O marco tradicional do nascimento do Eu na obra freudiana é o texto *Introdução ao narcisismo* (1914). Mas é essencial, também, fazer uma incursão na obra freudiana por outro caminho. O pensamento de Freud acerca do nascimento do Eu encontra-se, de fato, no cerne dos fundamentos da psicanálise, muito antes da introdução do conceito de Eu em 1914.

O conceito freudiano de libido do Eu, com as pulsões do Eu, foi introduzido em 1914 e constitui uma revolução metapsicológica que vai reconfigurar toda a teoria psicanalítica. A teoria da libido deixa de se focar exclusivamente na objetividade para se concentrar também no investimento do Eu. Nessa segunda teoria pulsional, Freud estabelece uma espécie de equilíbrio entre libido do Eu, em que o sexual se volta para o Eu/ sujeito, e libido objetal, em que o sexual visa o objeto. Freud considera o Eu, de certa forma, como um grande reservatório de libido, a qual é parcialmente dirigida aos objetos. Ele propõe a famosa metáfora do narcisismo como um animáculo protoplasmático (uma ameba) que emite seus pseudópodes aos objetos e pode buscá-los de volta.

Com a terceira teoria das pulsões, o reservatório da libido passa a ser o Id. Freud distingue o processo primário, que se caracteriza pela sexualização dos processos psíquicos, do processo secundário, que consiste em dessexualizar, mas sem deslibidinizar a ligação primária. Assim, são os processos de sexualização e dessexualização pelo Eu que parecem determinantes, por exemplo, na relação com os objetos edípianos.

É, portanto, o Eu que promove a apropriação subjetiva das experiências. Em 1920, em *Além do princípio do prazer*, o conceito de compulsão à repetição, introduzido para tentar ligar as experiências traumáticas, está associado à ligação da pulsão de vida em face do desligamento da pulsão de morte. Surge a ideia de um possível encontro das experiências no Eu – em termos winnicottianos, a ideia de uma “integração” ao Eu das experiências não subjetivadas.

Ainda em sua introdução ao narcisismo, Freud postula um investimento originário do Eu, o narcisismo primário, descrito como um primeiro tempo de completude autossuficiente e onipotente, remetendo, portanto, a uma primeira ilusão de indiferenciação entre o bebê e o mundo externo, preliminar a uma diferenciação do objeto. Nesse ponto, Winnicott promove uma revolução metapsicológica ao mostrar, ao contrário, que a estruturação do narcisismo

primário não pode ser pensada independentemente do objeto. Ele descreve a função dos cuidados maternos e da presença do ambiente na construção do primeiro narcisismo.

Essa teoria freudiana do narcisismo primário é atualmente questionada, também, pelas contribuições das recentes pesquisas sobre bebês. Por exemplo, os trabalhos de Decety mostram que o bebê diferencia muito cedo o que provém dele mesmo e o que provém do mundo externo; já nas primeiras horas de vida, ele é capaz de distinguir o rosto de sua mãe entre outros rostos e de imitar suas expressões faciais. Sabe-se, além disso, que o recém-nascido é imediatamente capaz de sentir-se como o agente de suas próprias ações, de modo que não há indiferenciação psíquica inicial (D. Stern). Bernard Golse assinala que o acesso à intersubjetividade não se dá em termos de tudo ou nada, mas de forma dinâmica, entre momentos fugazes de intersubjetividade primária e momentos de indiferenciação. René Roussillon propôs a ideia de uma relação de “espelho em duplo” entre o bebê e sua mãe – a mãe é vivenciada como um duplo, mesmo e outro simultaneamente. Isso vai permitir unir os estados subjetivos do bebê em arquipélago. A problemática da síntese no Eu está, portanto, no cerne do nascimento do Eu. Trataremos disso mais adiante.

Em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud não considera o papel desempenhado pelo que chama de “vida sensorial” na construção do narcisismo primário, mas sua obra permite pensar sobre as origens corporais e sensoriais do nascimento do Eu. Este será o segundo ponto de nosso estudo. Em *Projeto para uma psicologia científica*, em 1895, Freud se situava na tradição filosófica do empirismo sensualista, portanto, na continuidade das teorias associacionistas do final do século XIX: as impressões sensoriais combinam-se por associações. Freud baseia sua teoria da vida psíquica no famoso aforismo do filósofo Leibniz, em resposta ao pensamento de Locke: “Nada há no intelecto que não tenha antes passado pelos sentidos, nem mesmo o próprio intelecto”. O problema todo reside em saber como ocorre a transformação do registro sensorial em pensamento. Sabemos que Freud fundamenta o nascimento do pensamento nas necessidades do soma, que levam a alucinar a satisfação: a alucinação do seio é a primeira forma de representação. O nascimento do Eu/sujeito passa, assim, por uma “sensorialidade pensada”, inicialmente em uma indistinção entre o soma e o pensamento, seguida por uma autorrepresentação desse processo que permitirá construir o pensamento. Veremos como esse aspecto foi detidamente analisado por Piera Aulagnier. Como se dá a passagem da percepção e da alucinação para diferentes formas de representação?

Em uma carta a Fliess, em 1896, Freud propôs um modelo dos diferentes tipos de traços registrados no aparelho psíquico e a conexão entre eles. Ele

introduziu, em particular, o conceito de traços perceptivos, a serem diferenciados das representações de coisa e das representações de palavra. Mais tarde, contudo, Freud inclinou-se a assimilar os traços perceptivos aos traços inconscientes das representações de coisa, notadamente nos *Artigos sobre metapsicologia* (1915). Vários analistas contemporâneos têm insistido na necessidade de manter a distinção entre traços perceptivos e representações de coisa, e veremos que isso é essencial para a compreensão dos processos de transformação na origem do nascimento do Eu. São justamente esses traços perceptivo-afetivo-motores, conceituados por Freud como *fueros*, que serão transformados para se inserirem em uma trama, para poderem ser integrados à subjetividade e para se tornarem representações reconhecidas por outro sujeito.

Se o arcaico tem uma dimensão organizadora em todos os períodos da vida, é porque os traços perceptivos podem ser constantemente reatualizados. Em 1937, em *Construções na análise*, Freud fala a respeito de um possível retorno alucinatório, no âmbito do tratamento psicanalítico, de um “acontecimento esquecido dos primeiros anos, algo que a criança viu ou ouviu em um período em que não sabia falar”. Freud se refere, neste sentido, a uma reatualização de experiências arcaicas na forma de sensações alucinadas que remetem ao pré-verbal: aqui se encontra a linha divisória entre o período arcaico e o período infantil, em que a simbolização pode ocorrer a partir do registro verbal.

Como ocorre essa reatualização dos traços perceptivos? Freud mostra que um papel essencial é desempenhado pela alucinação e pelos processos primários. A reativação alucinatória de experiências sensório-perceptivas remete, de fato, ao processo primário caracterizado pela identidade de percepção, enquanto os processos de transformação dos traços sensório-motores referem-se à identidade de pensamento, com transformações em diferentes formas de representação.

Para compreender o nascimento do Eu é necessário, pois, questionar a teoria simplista segundo a qual o percebido só pertenceria à realidade externa, com o modelo de um sistema de percepção/consciência em que o sujeito registraria diretamente as percepções do mundo externo e lhes daria sentido em um segundo tempo. Trata-se de um primeiro modelo freudiano, mas, baseando-se em uma observação feita por Laplanche, René Roussillon mostrou a presença constante de um segundo modelo em que Freud situa, nos dois extremos do psiquismo, os polos da percepção e da consciência. Assim, a vida pulsional, o Id, enraíza-se no soma: para se tornar consciente, uma percepção deve atravessar todo o aparelho psíquico e ser traduzida em diferentes lógicas, desde os traços perceptivos provenientes do soma, até as representações de coisa inconscientes e, em seguida, as representações de palavra do sistema pré-consciente/consciente.

A percepção organiza-se a partir dos traços perceptivos, mas, necessariamente, em conexão com a história do sujeito; podemos destacar, principalmente, a influência dos primeiros engramas a partir dos primeiros encontros corpo a corpo que se dão durante os cuidados maternos, esquemas motores ou esquemas de contato. Como ponto de partida da constituição do Eu, o papel essencial desempenhado pela sensório-motricidade nos processos de transformação é aprofundado com os sucessores de Freud.

Papel das formas primárias de simbolização no nascimento do Eu

A partir desses fundamentos freudianos, podemos agora abordar os processos de simbolização envolvidos no nascimento do Eu. Notamos que a maioria dos psicanalistas contemporâneos têm prestado cada vez mais atenção ao corpo e à sensório-motricidade para poder pensar e atender casos clínicos considerados difíceis, como a psicose, as psicopatologias de atuações violentas, a clínica das “situações limítrofes e extremas da subjetividade”. Os sucessores de Freud propuseram conceitos específicos para explorar as transformações das primeiras experiências sensoriais, afetivas e motoras do *infans*, vivenciadas na relação com o objeto.

Em um livro escrito com R. Roussillon, propusemos reunir diferentes conceituações contemporâneas designando-as como *formas primárias de simbolização*, em particular o protomental de Bion (1962), os núcleos aglutinados de Bleger (1967), o pictograma de P. Aulagnier (1975), o significante formal de D. Anzieu (1987). Essas formas primárias de simbolização dizem ao analista, de alguma forma, sobre as interações com objetos primários, mas não é por serem chamadas de “formas primárias de simbolização” que devem ser situadas em uma temporalidade originária: elas intervêm em qualquer encontro clínico e na vida psíquica de qualquer sujeito, estão copresentes em outros níveis de representação. Veremos como passamos de um nível de simbolização a outro por diferentes processos de “metabolização”, segundo a expressão de P. Aulagnier. Ela enfatiza que o funcionamento representativo está enraizado no modelo somático, pois a atividade de representação equivale ao trabalho do metabolismo específico da atividade orgânica.

Apesar dessas teorizações contemporâneas, é relativamente raro tratar das diferentes formas de escuta e de intervenções do analista que envolvem especificamente as formas primárias de simbolização, enquanto a escuta das fantasias originárias permanece uma preocupação constante das escolas analíticas.

A principal ideia que queremos apresentar aqui é a de que as diferentes formas de retraimento da subjetividade que se manifestam no tratamento requerem

uma escuta da sensório-motricidade em sessão, para que o paciente possa se livrar da sombra do objeto que se abateu de alguma forma sobre o seu corpo, indissociável de sua vida psíquica. Nas patologias do narcisismo e da identidade é essa escuta das formas primárias de simbolização que nos permitirá reativar os processos de apropriação subjetiva.

Para compreendermos o papel desempenhado por essas formas primárias de simbolização na emergência do Eu, partirei de um breve exemplo clínico de uma análise de adulto.

Um paciente na casa dos trinta anos solicita um trabalho analítico porque, mesmo tudo indo bem em sua profissão e em seu relacionamento, ele afunda regularmente numa depressão em que vê tudo negro. Não se reconhece, justo ele que é tão ativo. Em certos momentos, chega a “não se sentir mais existir”, sente-se “desaparecer”. Tornam-se frequentes as sessões em que ele desmorona, se encolhe no divã e permanece petrificado sem se mover. Diz, então, que se sente “sorvido pelo vazio”, que sente “despedaçar-se” ou virar “poeira voando pelo ar”. Às vezes, para ouvi-lo, faço muito esforço porque resta apenas um fio de voz quase inaudível.

Aos poucos, percebo que compartilho com ele certas sensações: sou tragada por um vazio de pensamento, me enrijeço e me sinto esvaziada de afetos e imagens.

Nesses momentos de retraimento psíquico, o paciente desaparece em sensações alucinadas que poderiam ser formuladas da seguinte forma: “desaparece”, “desmorona”, “dissipa-se”, “despedaça-se” “apaga-se”. São significantes formais, como descritos por D. Anzieu, impressões corporais que correspondem a protorrepresentações do espaço e do corpo; é uma transformação “muitas vezes sentida pelo paciente como estranha a si mesmo”. São, portanto, formas em movimento que aparecem como vivências alucinatórias sem que o sujeito possa se apropriar delas. Ele é invadido, de certa maneira, por essas impressões sensório-motoras. O sujeito gramatical é impessoal, “uma forma física isolada” ou um “pedaço de corpo vivo”, diz Anzieu, “não uma pessoa inteira”. Não se trata, portanto, de fantasias, não há objeto, apenas formas/movimentos constituídos por imagens proprioceptivas, táteis, cenestésicas, cinestésicas, posturais, de equilíbrio, isto é, trata-se de todo o registro sensorial. Didier Anzieu explica que o significante formal é uma primeira forma de simbolização dos pictogramas: o pictograma é uma sensação alucinada, com uma especularidade ou uma indiferenciação total entre corpo, espaço externo e pensamento. No caso em questão, por exemplo, “fragmentos de corpo/espço /pensamento”.

Experiências arcaicas traumáticas na relação com o objeto são, pois, reatualizadas na forma de alucinações sensoriais. A técnica analítica consistirá, portanto, neste contexto, em ligar essas impressões sensoriais, aparentemente

desconectadas de qualquer forma de rememoração, a fragmentos de lembranças relacionados ao objeto.

Tentei relacionar essas alucinações sensoriais a cenas ligadas a história do paciente. Assim, associei primeiramente suas vivências de desaparecimento, de não existir, ao súbito abandono, aos 4 anos, pela mãe. Ele se lembra, então, de como ficava olhando a poeira voar na luz, de como ele mesmo se difratava em mil pedaços. Descreve sua lembrança de uma refeição em que os adultos não lhe dirigiam a palavra. Ele se vê novamente na frente de seus brinquedos, incapaz de brincar.

O trabalho do analista consiste em transformar essas vivências sensório-afetivo-motoras em *figurações cênicas*, para empregar a expressão de P. Aulagnier, a fim de tentar representar a parcela da história relacionada ao objeto que deu origem a esses processos de autoapagamento, de pulverização ou de dispersão no espaço. Paradoxalmente, é o trabalho analítico com momentos em que o paciente se sente “fora de si”, como escreve Ferenczi, que nos permite pensar as modalidades da emergência do Eu.

Para além das diferenças entre os autores, podemos concluir que a especificidade de uma escuta analítica das formas primárias de simbolização consiste na construção de cenas evocativas da relação com o objeto a partir da reatualização de sensações alucinadas no paciente. Para Piera Aulagnier, trata-se de passar do pictograma à figuração cênica ou fantasia; segundo Didier Anzieu, é a passagem do significante formal à fantasia; de acordo com Bion, é transformar *O* impessoal em *O* pessoal, com o ideograma do protomental. De modo geral, trata-se de transformar os traços perceptivos, os *fueros*, em representação de coisa, processo que René Roussillon denomina *simbolização primária*. Assim, o corpo trama aos poucos uma história.

A experiência clínica nos mostra que são as formas limítrofes e extremas da psicopatologia que estão particularmente envolvidas nas formas primárias de simbolização.

As lógicas do nascimento do Eu a partir da associatividade formal

Foi a clínica da psicose que mostrou a Freud a necessidade de teorizar o narcisismo. Proponho, então, partir desta clínica de pacientes psicóticos e autistas que tanto nos ensina acerca dos processos de simbolização envolvidos no nascimento do Eu/sujeito. Buscaremos compreender como ocorre a passagem de uma desorganização sensorial significativa, com ilhas dispersas do Eu, a processos de integração sensorial que permitirão uma integração das experiências à fonte de uma constituição unificada do Eu/sujeito, com a aquisição de processos de reflexividade.

Partirei de algo que é muito raramente abordado nas sociedades psicanalíticas, mas que constitui uma fonte extraordinária para a compreensão dos processos mais arcaicos da formação do Eu/sujeito, os processos de emergência e de transformação das sensações alucinadas no trabalho com um material artístico como a pintura, a modelagem, entre outros. Proponho que façamos uma incursão pelo que aprendemos com as mediações terapêuticas artísticas a partir de um meio sensorial. Marion Milner propôs o conceito de *meio maleável*, que sempre representa tanto a matéria, a matéria para a simbolização, como o psicanalista ou o clínico que apresenta e representa o material. O interesse dessas mediações terapêuticas reside no fato de que elas nos mostram uma materialização, nesse meio maleável, de formas / movimentos sensório-motores que, como vimos, carregam a história dos vínculos com o objeto.

É o encontro com um meio sensorial, em sua concretude, que desencadeará nos pacientes, tanto crianças como adultos, uma reatualização de sensações alucinadas e uma possível conformação dessas sensações alucinadas, que se concretizam em formas/movimentos do registro das formas primárias de simbolização. Interroguei-me sobre a lógica do surgimento e das transformações dessas alucinações sensoriais, dessas formas / movimentos que contribuem para a constituição dos envelopes psíquicos.

Com pacientes psicóticos ou autistas, o que parece vigorar no início do trabalho terapêutico é um processo repetitivo de destruição das formas. O que se repete compulsivamente, tornando-se, muitas vezes, exaustivo para o clínico, são experiências catastróficas de encontro com o objeto que imobilizam o processo de transformação das formas – formas congeladas, petrificadas, imobilizadas, distorcidas, decompostas, dispersas, etc. A infinita repetição das mesmas formas e dos mesmos gestos explica uma petrificação do processo no sentido de uma transformação impossível.

Assim, aquilo que é simbolizado na manipulação do meio maleável é, antes de mais nada, o que está na origem da dessimbolização. Essas formas sensoriais e motoras expressam as vicissitudes do encontro com o objeto, assim como as defesas mobilizadas para lutar contra o retorno do que Winnicott chama de agonias primitivas, por exemplo, a imobilização, a petrificação, a dispersão do Eu, o congelamento, etc.

Propus chamar de associatividade formal essa cadeia associativa constituída por essa emergência, em dispositivos com mediação, de sensações alucinadas, formas-movimentos, muitas vezes significantes formais associados por Anzieu à questão do Eu-pele e às representações de envelopes. Trata-se de identificar o encadeamento das formas não só nas produções, mas também em toda a linguagem sensório-motora dos pacientes confrontados com o meio. Depreende-se assim uma tópica psíquica arcaica.

Para descrever as lógicas que operam na emergência de um Eu/sujeito, propus identificar, a partir de mediações terapêuticas destinadas a pacientes psicóticos e autistas, 3 posições principais, no sentido de Melanie Klein, nas quais podemos organizar os processos em função das transformações da matéria, da forma e dos envelopes psíquicos: posição adesiva patológica, posição de descolamento do fundo e posição de reflexividade. Veremos como isso contribui para pensar sobre os processos de transformação das formas primárias de simbolização em tramas fantasmáticas.

Podemos identificar uma primeira posição como uma posição adesiva patológica especialmente em autistas severos. Ela é constituída por “não-processos”, segundo a expressão de Bleger, ou seja, por fenômenos de colagem, de indiferenciação das formas, de repetição do mesmo *ad infinitum* e pela predominância do inanimado: por exemplo, retraimento e ausência de contato com o meio, colagem ou agarramento ao meio sensorial, ausência da dualidade forma/fundo, contato sem movimento ou traço, nenhuma exploração da terceira dimensão, investimento dos aspectos inanimados do enquadre. Na contratransferência, a falta de contato e a impressão de inexistência. No autismo severo, essa primeira etapa remete à falta de constituição do primeiro envelope rítmico. Mas também pode corresponder a fenômenos de arrancamento do envelope, especialmente em casos psicóticos, com uma repetição incessante de significantes formais como “um buraco suga”, “um suporte desmorona”, “eu folha, pele furada, arrancada” ou “liquefazer-se sem fim”, com uma irreversibilidade da destruição das formas.

A segunda posição é uma posição de desprendimento do fundo, no sentido de descolamento, com uma onipresença de destrutividade. Surge um jogo entre a forma e o fundo, por exemplo, na pintura, em que as formas sensório-motoras se destacam sobre o fundo, os traços tornam-se traços rítmicos e, segundo G. Haag, são indicativos de um circuito de retorno (*boucle de retour*) formado com o objeto; também podem surgir formas de pontilhamento como figuração de pontos de rebote na relação com um objeto.

Nesta segunda posição, a evolução dos significantes formais caracteriza-se por processos de transformação e de reversibilidade: surge uma possibilidade de transformação dos estados da matéria, por exemplo, uma “diferenciação de cores e texturas”, ou uma possível solidificação de um material que foi sempre líquido até então. A transformação das formas torna-se reversível, por exemplo: “aparecer, desaparecer e reaparecer”, “partir e voltar”, “colar e descolar”, e os suportes passam do inanimado ao animado.

Esses jogos de transformabilidade das formas sempre aparecem relacionados com o trabalho terapêutico. Notamos que são as respostas dos clínicos que irão

desencadear nos pacientes uma dinâmica de possíveis transformações dessas formas sensório-motoras e uma retomada dos processos de simbolização e de transformação. É essencial descrever as modalidades de intervenção que reativam os processos de simbolização petrificados, pois refletem o modo como o objeto exerce um papel simbolizante fundamental no nascimento do Eu/sujeito.

Processo de simbolização no nascimento do Eu/sujeito

Victor Guerra mostrou, em particular, que o que abre o campo da simbolização é a cocriação dentro de um ritmo compartilhado. Ele propõe a ideia original de que a lei materna teria como função fundamental a cocriação de um ritmo em comum, a função especular de tradução e transformação das vivências afetivas, base dos processos de subjetivação. Segundo ele, nas patologias precoces, há uma disritmia.

Esse processo está vinculado a um restabelecimento das sintonias, segundo o conceito de Stern, com transposições sensoriais de um registro sensorial para outro, por exemplo, do cinestésico para o sonoro. É preciso restaurar o que Stern define como uma espécie de coreografia entre o *infans* e o objeto, com um ajuste de gestos, mímicas e posturas entre a criança e o objeto primário. É por essa razão que os clínicos intervêm, nos casos de psicose, essencialmente na linguagem do corpo e do ato, através de um diálogo sensório-motor que consiste, primeiramente, em funcionar com o paciente como um espelho. Mas não se trata de refletir apenas o mesmo, no que G. Haag chama de circuito de retorno (*boucle de retour*), é preciso criar uma alternância entre o mesmo e o diferente, introduzindo o “não-tão-igual”.

No centro das sintonias, a composição do afeto permite passar do registro da sensação àquele que Freud denomina *composição* do afeto. É preciso sair da coalescência do afeto e da representação, segundo P. Aulagnier (1975), ou daquilo que Green (1999) chama de “indiscriminação entre afeto e representação”, no conceito freudiano de representante psíquico da pulsão. O afeto não permanece puramente somático; ele pode compor-se na relação com o objeto: é o que lhe permite integrar-se ao Eu e, ao mesmo tempo, compor, organizar o Eu. Aqui, novamente, trata-se de transformar a sensação em índice de reflexividade de um afeto que pode ser sentido e nomeado.

Como se compõe o afeto? Através da teatralização das emoções, no cerne do trabalho terapêutico. Tal como no caso do bebê, é preciso refletir para o paciente seus próprios afetos de fúria, angústia, impotência ou prazer, teatralizando-os em mímicas, expressões sonoras com fortes entonações e gestos. Os trabalhos

de Gergely mostraram que o bebê compreende assim que seu próprio afeto é refletido, e este é um primeiro nível fundamental de reflexividade. O afeto se compõe se o objeto lhe atribui um valor mensageiro no vínculo com ele, se lhe confere um sentido.

Muitos autores atuais que escrevem sobre o bebê mostram que a construção da subjetividade depende não só do modo como a vida pulsional do bebê é recebida, acolhida ou rejeitada pelo objeto a que se dirige, mas também do modo como o objeto traduz, transforma a “mensagem” subjetiva, no cerne da vida pulsional do bebê. Quero citar, fazendo eco ao título desta Jornada, *O nascimento do objeto*, de Bernard Golse, assim como o que escreve Roussillon sobre o nascimento do objeto indissociável do nascimento do Eu.

No cerne dos processos de simbolização, ritmos compartilhados, sintonias afetivas, composição do afeto e teatralização. Uma breve sequência clínica permitirá identificar outros processos.

Trata-se da evolução de uma criança autista de 8 anos, em um enquadramento terapêutico constituído por uma pequena piscina infantil encostada a uma parede, com um grande espelho e chuveirinhos embutidos no espelho. Eu supervisiono este trabalho em uma instituição, com duas terapeutas.

No início, desprovida do olhar, incapaz de pegar objetos, a criança permanece sentada dentro d'água em frente ao espelho, com uma respiração forte. Em um primeiro trabalho com a terapeuta, que também respira forte, a respiração vai sendo gradativamente compartilhada, seguindo um ritmo. Podemos falar de um envelope respiratório rítmico? A criança parece sentir a coluna de ar. Simultaneamente, uma massagem no dorso realizada por uma terapeuta, com troca de olhar e transposição das sensações suaves do toque em sons suaves, e das sensações mais duras na massagem em sons duros, permite que a criança, depois de dois meses, torne-se capaz de levantar e ir pegar a mangueira do chuveirinho. Nessa segunda etapa, ela fica em pé, colada ao espelho ao longo de dois meses, mas consegue manipular o chuveirinho que ela cola ao espelho e parece contemplar a água que corre e embaça o espelho.

Interpretamos essa linguagem do corpo da criança como uma espécie de relato em ato de sua adesividade ao objeto, com envelopes ainda indiferenciados: é uma postura muito diferente de uma frequente insistência na autossensualidade, que anula o vínculo com o objeto. Ao contrário, trata-se de interpretar a linguagem dos autistas como “representações”, segundo a expressão de J. D. Vincent, representação em ato, no corpo: a “representação” é também uma das formas primárias de simbolização ancorada no sensório-motor.

G. Haag mostrou, em particular, que a aliança do apoio do dorso com a interpenetração dos olhares cria o primeiro sentimento de envelope, o que foi explicado por Bullinger na psicologia do desenvolvimento. Em uma criança

autista com tendência a bater na própria cabeça com um bastão, a constituição de um fundo constrói a possibilidade de usar o bastão para tocar nos objetos. De modo geral, são as sintonias sensoriais rítmicas, respiratórias e “táteis” que abrem espaço e permitem passar de um corpo/espaço em superfície, como uma banda de Moebius, a um primeiro sentimento de apoio, de profundidade.

Gostaria de salientar que, em mediações sensoriais como a pintura ou a modelagem, surgem outros elementos não relacionados à verticalidade, por exemplo, uma primeira constituição de tipos de núcleos de matéria rígida, primeiros pontos organizadores de agrupamento, ou o aparecimento de ondulações e pregas, primeira etapa de descolamento de uma pele comum. Não me demorarei nessa questão porque René Roussillon trará contribuições originais sobre o modo como os primeiros envelopes se tornam os núcleos organizadores do Eu. Vamos voltar à clínica.

Numa terceira etapa, a terapeuta introduz um jogo teatralizado com variações de entonação em torno do uso do chuveirinho pela criança. A criança alterna entre regar o espelho e tentar regar a terapeuta, que transforma essa experiência em um jogo compartilhado, “atingida/não atingida”. A criança, então, tem um acesso de raiva e ataca a terapeuta tentando arranhá-la, beliscá-la, regá-la e regar o espelho com violência. A terapeuta não se retirou da situação, e foi aos poucos conduzindo a criança para um jogo de “cucu”, com as imagens borradas do espelho que estava sendo regado: “Cucu, ah, você me apaga, mas estou aqui, voltei”.

Aos poucos, a criança espera até que as imagens da terapeuta e de si mesma estejam bem nítidas no espelho para borrá-las novamente, entrando em um contentamento compartilhado com a terapeuta quando a imagem desta volta a ser bem visível. A criança cessa seus ataques corporais e se joga repetidamente nos braços da terapeuta que está fora da piscina.

Winnicott propôs uma belíssima descrição dessa etapa: “Objeto, eu destruí você. Eu o amo. Eu o amo porque você sobreviveu à minha destruição”. Em outras palavras, a criança deixa de ser onipotente, e uma diferença essencial se organiza entre o mundo subjetivo da representação, da fantasia, e o mundo objetivo onde o objeto sobrevive: distinção entre o objeto das minhas fantasias e o objeto da realidade. O momento em que descubro “o outro sujeito” é também o momento em que eu me descubro como sujeito. É o nascimento da reflexividade, portanto.

Todo o desafio do trabalho terapêutico reside em transformar a destrutividade em um processo de destruído/ encontrado, segundo o conceito de René Roussillon. Último ponto: foi a resposta da terapeuta que permitiu transformar os ataques da criança em jogo. Ela emprestou-lhe a intenção de brincar e não de destruir, fazendo com que isso interrompesse os ataques da criança. Na

constituição do Eu/ sujeito, o papel da intencionalidade atribuída pelo objeto à criança é essencial.

Podemos perceber claramente como a tomada de consciência da própria imagem é coextensiva ao encontro com o outro, a descoberta de si mesmo está ligada à descoberta do outro. Sujeito e “outro-sujeito” se constituem simultaneamente.

Na última sequência, a criança vem se jogar de forma muito repetitiva nos braços da terapeuta, mas, assim que dá as costas para o espelho para tocá-la, volta apressadamente em direção ao espelho, como se procurasse a imagem desaparecida de ambas. A criança tenta, então, andar de costas em direção à terapeuta para não perder suas imagens no espelho. Ela parece perceber, em seguida, que a imagem das duas permanecia às suas costas, embora não a visse, e não a busca mais.

Assim, essa criança logo foi capaz de explorar os orifícios de seu corpo e aqueles de drenagem da piscina, adquirindo o controle esfinteriano aos 9 anos de idade.

Por fim, o envelope tátil se descola progressivamente do envelope visual, num processo que se desdobra nesse vaivém da criança entre o toque da terapeuta e a perda da imagem no espelho. Ela finalmente desiste de tocar na terapeuta, internalizando a presença dela, bem como, sem dúvida, a permanência de suas imagens no espelho, apesar de dar costas para ele: constituiu-se o espaço de fundo e instaurou-se o interdito do tocar.

Em outras palavras, o que vem primeiro é o trabalho de simbolização em presença, e não, como ainda é muito teorizado, a simbolização da ausência. O que está no cerne do período arcaico de 0 a 2 anos é, primeiramente, mais o encontro com o objeto e o agrupamento das ilhas dispersas do Eu do que a separação. Nessa clínica, a construção conjunta de uma linguagem sensório-motora entre a criança e o terapeuta parece ser a condição para a subjetivação das experiências corporais.

Essas explorações sensório-motoras passam pela criação de jogos sensório-motores, os quais foram repertoriados por Victor Guerra como indicadores de intersubjetividade. Estes são essenciais ao processo de subjetivação do bebê de 0 a 12 meses. Em nosso centro de pesquisa em Lyon, desenvolvemos uma pesquisa internacional baseada em mediações terapêuticas sobre a reativação de jogos típicos que não puderam ser jogados na primeira infância. Por exemplo, os jogos de associatividade formal são, em primeiro lugar, jogos de explorações sensório-motoras e de agrupamento sensorial, seguidos por jogos com as formas sensório-motoras que levam às formas primárias de simbolização. Em seguida, vêm os jogos de espelho sensorial (táteis, visuais, auditivos), os jogos sensório-motores em duplo e, por último, os jogos com as fantasias, as representações e as palavras.

Para concluir, podemos agora definir a simbolização como um processo de transformação de uma experiência indissociavelmente corporal e psíquica em diferentes formas de representação que contêm um índice de reflexividade. É esse índice de reflexividade que designa o processo de apropriação da experiência pelo sujeito e sempre envolve a intersubjetividade. São todos os processos de simbolização que mencionamos que dão acesso à reflexividade; tentei fornecer alguns elementos norteadores, mas estes não são exaustivos. Um ponto essencial é o atual desenvolvimento das investigações sobre o feto. Recomendo um livro recente de Missonnier e Golse: *Le fœtus/bébé au regard de la psychanalyse* [O feto / bebê à luz da psicanálise].

Veremos amanhã, na discussão do caso clínico de um adulto, a importância fundamental de reativar esses processos de simbolização que constituem o nascimento do Eu.

Para abrir agora o debate com Celso Gutfreind, psicanalista e poeta, quero dizer algumas palavras sobre a experiência criativa. Muitos artistas contemporâneos referem-se à sua própria obra como uma tentativa de sobrevivência psíquica. Será que a obra não lhes permite tentar figurar e simbolizar as experiências arcaicas de desamparo que não puderam ser apropriadas subjetivamente?

Alguns criadores falam da ancoragem sensório-motora de seu processo criativo, o qual convoca, sobretudo, sensações, impressões corporais, impulsos de movimento, um mundo de formas que tenta despontar e que não estava já circunscrito por imagens: o ato criador também estaria enraizado, em parte, em alucinações sensoriais.

Como o trabalho analítico, o processo criativo é, pois, criação de si mesmo e apropriação das experiências que ficaram suspensas, tanto para o artista quanto para os pacientes: como nascer para si mesmo na obra ou no tratamento?

Eis um paradoxo: trata-se de fazer advir o não advindo (Winnicott) originário.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Tradução: Vanise Dresch

Revisão técnica: Sandra Gehling Bertoldi